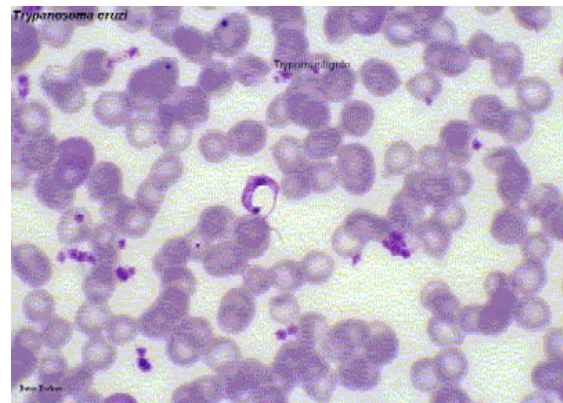


João Carlos Pinto Dias *

O Doutor Emmanuel Dias nasceu no Rio de Janeiro, Brasil, em 27 de julho de 1908 e faleceu em Uberlândia, Minas Gerais, em 22 de outubro de 1962. Era filho do Dr. Ezequiel Caetano Dias, médico e pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz, e de D. Maria Cândida Fonseca Dias, tendo como avós paternos o professor Antônio Caetano Dias e D. Elisa Gonçalves Dias, ambos de Macaé, RJ, e como avós maternos O Comendador Manoel José da Fonseca (de Portugal) e D. Elisa da Cunha Fonseca, do Rio de Janeiro. Como antecedentes marcantes, Emmanuel era sobrinho de Oswaldo Gonçalves Cruz (casado com D. Emília, irmã de sua mãe), fundador do Instituto Oswaldo Cruz e da Medicina Experimental do Brasil, e afilhado de batismo de Carlos Ribeiro Justiniano das Chagas, também do Instituto Oswaldo Cruz, descobridor da Tripanossomíase Americana. Por coincidência, sabe-se que a descoberta do *Trypanosoma (Schizotrypanum) cruzi*, por Carlos Chagas, ocorreu em Lassance, Minas Gerais, no mesmo ano do nascimento de Emmanuel (1908), muito provavelmente nas imediações do mês de julho, seguindo-se um breve e intenso período de estudos sobre este parasito nos laboratórios do Rio de Janeiro. Voltando a Lassance, no início do ano seguinte, Chagas iria descobrir de forma brilhante os primeiros casos humanos da esquistotripanose. Nas passagens por Belo Horizonte, Chagas se hospedava com o amigo Ezequiel, na época designado por Oswaldo para instalar e dirigir na capital de Minas uma filial do Instituto de Manguinhos, mais tarde denominada Instituto Ezequiel Dias.



Sendo o terceiro de seis irmãos, Emmanuel Dias teve uma infância comum em Belo Horizonte, sobressaltada pela precária saúde do pai, portador de grave e longa doença pulmonar, contra a qual lutava bravamente para manter-se ativo e à frente do Instituto. Emmanuel estudou no Grupo Escolar Barão do Rio Branco e no Colégio Mineiro, ambos do Ensino Público e de alto grau de excelência, até hoje funcionando em Belo Horizonte¹. A casa de Ezequiel era sempre cheia de celebridades e amizades preciosas. Ficaram famosos os serões semanais, em que artigos científicos eram lidos e comentados, por uma plêiade de médicos e naturalistas que se concentravam em Belo Horizonte, como Cícero Ferreira, Borges da Costa, Marques Lisboa, Aroeira Neves, Alfredo Balena e outros. Destas tertúlias idealizou-se e foi concretizada a fundação da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, mais tarde da UFMG, hoje uma das melhores escolas médicas do País. Em 1922, quando Emmanuel tinha 14 anos, faleceu Ezequiel, em meio a penosa agonia. A família voltou ao Rio de Janeiro, onde estava a maioria dos parentes de D. Maria Cândida, fixando-se em Copacabana, onde ela viveu até a sua morte, em 1958. Terminado seu curso secundário no Colégio Militar, Emmanuel consegue aos 19 anos ingressar na Faculdade Nacional de Medicina, onde haviam estudado, entre outros, seu próprio pai, Carlos Chagas, Miguel Couto e Oswaldo Cruz. Faz um curso brilhante, tendo como companheiros inseparáveis o primo Walter Oswaldo Cruz, Evandro Chagas e Carlos Chagas Filho. No segundo ano médico é admitido como estagiário voluntário no Instituto Oswaldo Cruz, então dirigido por

* - Academia Mineira de Medicina e Fundação Oswaldo Cruz. E-mail: jcpdias@cpqrr.fiocruz.br

¹ - O segundo sob o nome de Colégio Estadual.

Carlos Chagas, em cujo laboratório se fixou. Ali permaneceu até a sua formatura, em 1932, dedicando-se aos estudos básicos sobre o parasito e sobre o xenodiagnóstico, a pedido de Chagas. Também se dedicou à clínica e à epidemiologia da doença, instigado por seu segundo preceptor, o Dr. Eurico de Azevedo Villela, grande colaborador de Chagas. Por isso esteve várias vezes em Lassance, inclusive com Chagas Filho, iniciando-se em trabalhos de campo e tendo sua atenção fortemente voltada para a gravidade e a grande frequência da cardiopatia chagásica crônica. Em 1933 defende sua tese de doutoramento, aprovada com louvor, dedicada ao parasito da doença de Chagas, um marco até hoje atual sobre a morfologia e o ciclo biológico do *Schizotrypanum cruzi*². Neste trabalho, além de minuciosa revisão morfológica do flagelado, Dias descreve de maneira exemplar seus ciclos biológicos no vetor e hospedeiro vertebrado, assim como minudencia detalhes de sua penetração no mamífero. Em particular, estabelece de vez a transmissão do parasito por via posterior, nisto contrariando as idéias iniciais de Chagas, que postulava a transmissão pela picada do triatomíneo. Na época desta tese, Emmanuel é selecionado e realiza o Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz, também por sugestão do padrinho, a seguir prestando concurso e sendo aprovado como biólogo de Manguinhos, o único cargo empregatício que teve durante sua vida. Casou-se em 1933 com Nícia de Magalhães Pinto, de tradicional família mineira, graduada em Filosofia da História, com quem teve cinco filhos: Emmanuel, Eduardo, João Carlos, Ezequiel e Aloísio. Continuou ligado ao Laboratório de Carlos Chagas, aperfeiçoando o xenodiagnóstico e dedicando-se ao ciclo do parasito no invertebrado, também estudando a biologia dos triatomíneos as formas de contaminação do *S. cruzi*, e os complicados “tripanosomas” dos morcegos. Há que destacar-se que, entre 1922 e 1934, Carlos Chagas viu-se envolvido em pesados e lamentáveis pendências administrativas (gestão do Instituto) e científicas (questionamento de sua descoberta). Honrado e tenaz, Chagas supera estas questões de maneira brilhante, mas à custa de grandes desgastes. Descortinando os desdobramentos de sua obra, prepara seguidores para os tempos seguintes, selecionando como principais Magarinos Torres e Eurico Villela para as áreas de Patologia e Clínica, Evandro (Cardiologia), Emmanuel (parasito e Epidemiologia), Cezar Pinto e Herman Lent (vetores), Astrogildo Machado, e Júlio Muniz (diagnóstico). Na Argentina, Salvador Mazza inaugurara a sua Misión de Estudios de Patología Regional (MEPRA), em Jujuy, aos poucos amalhando, com Cecílio Romãna e outros, numerosos casos agudos da infecção. Outros casos aparecem na América Central e na Venezuela, pouco a pouco se configurando como verdadeira a assertiva de Chagas sobre a grande dispersão da endemia³.

Em 1934, o grande golpe da morte de Chagas, fulminado em novembro por um infarte, pega de surpresa a comunidade científica e os colaboradores mais chegados ao Mestre. Em 1935, Evandro e Emmanuel representarão o Brasil na célebre IX reunião da MEPRA em Mendoza, dedicada à memória de Chagas. Organizada primorosamente por Mazza, o ponto alto foi a descrição de Cecílio Romãna de um sinal ocular de porta de entrada da infecção, muito chamativo, que iria viabilizar a detecção da doença de Chagas aguda em grandes quantidades, por toda a área endêmica. Entusiasmados, Emmanuel e Evandro propõe o nome de “sinal de Romãna” ao dito quadro ocular, o que fica imediatamente consagrado, apesar de ciúmes e rechaços acontecidos em alguns meios científicos argentinos⁴. Por causa disto, incompatibilizado na MEPRA, Romãna é acolhido no Instituto Oswaldo Cruz, para trabalhar por alguns anos no mesmo laboratório de Chagas, com o amigo Emmanuel. Em 1937, Emmanuel Dias e Amílcar Martins (do Instituto Ezequiel Dias), empreenderão longa e proveitosa viagem aos Estados Unidos, para se inteirarem dos avanços que em Montana se faziam sobre a “febre das Montanhas Rochosas, sob o comando do Dr. R. R. Parker. Era uma riquetsiose que suspeitavam ser a mesma “febre maculosa”, progressivamente detectada no

² - Dias E. *Estudos sobre o Schizotrypanum cruzi*. Rio de Janeiro, Faculdade de Medicina, 1933, 115 p.

³ - Com os trabalhos pioneiros do entomologista Arthur Neiva, velho companheiro de Manguinhos, que mapeara triatomíneos infectados por toda a América Latina, Chagas intuía a distribuição continental da doença humana, sendo por isto duramente contestado por detratores na Academia Nacional de Medicina.

⁴ - Vide Dias, JCP Cecílio Romãna, o sinal de Romãna e a doença de Chagas. *Revista da Soc. Bras. Méd. Trop.* 30: 407-413, 1999.

Brasil, especialmente em Minas Gerais. Deste aprendizado se originaram vários trabalhos no Brasil, confirmando a analogia entre as duas doenças e chamando atenção sobre o agravo emergente. Foi uma incursão científica pouco conhecida na vida de Emmanuel, de alta importância para o País, que lhe rendeu ademais uma série de relacionamentos importantes nos Estados Unidos e, mais que isto, solidificou-lhe de vez uma amizade profunda e fraternal com Amílcar, com desdobramentos de altíssimo valor, a futuro. Considerado por Chagas Filho como o mais prolífico dos herdeiros de Chagas, Emmanuel se dedica inteiramente à obra do padrinho. Para tanto, muda-se com a família da casa alugada em Copacabana, construindo casa própria à rua Frederico de Albuquerque, em Higienópolis, bem perto do Instituto, para facilitar a vida de trabalho. Nesta fase, Emmanuel defende a descoberta de Romana, re-estuda o ciclo do parasito, aperfeiçoa o xenodiagnóstico e a criação de triatomíneos em laboratório, estuda o *Trypanosoma rangeli*, alerta os médicos do Interior para a moléstia, reforça uma idéia de Mazza sobre a transmissão por transfusão de sangue, estuda as diferentes interações de cepas do parasito com espécies diversas de vetores, caracteriza e defende o gênero *Shizotrypanum*, estuda o *Triatoma maculata*, descreve novos reservatórios vertebrados, faz ampla revisão sobre a biometria do *T. cruzi*, descreve focos urbanos da doença no Rio de Janeiro, publica com Torrealba e Torrico estudos sobre a doença na Venezuela e na Bolívia, respectivamente, ensaia opúsculos populares para divulgação da doença, estuda a transmissão digestiva em mamíferos e a não-suscetibilidade do pombo ao *T. cruzi*. Começa também, fortemente estimulado por Eurico Villela, a montar um ambicioso projeto de mapear a doença no Continente, indicando os principais parâmetros epidemiológicos. Este projeto viria a público na década de 1950, através de uma série de artigos publicada na Revista Brasileira de Malariologia e Doenças Tropicais.

Em 1940, Amílcar Martins descobrirá um foco altamente endêmico de doença de Chagas em Bambuí, Minas Gerais, a partir de uma paciente com sinal de Romaña. O lugar foi prontamente visitado por Emmanuel e Cecílio, que imediatamente reconheceram a grande importância da descoberta mineira e vaticinaram um novo capítulo na história da esquistotripanose, destinado a confirmar as idéias de Chagas e a buscar soluções para o controle da doença ⁵. Por artes do destino, Amílcar vê-se perseguido pelo governo do Estado, e deixa dignamente o Instituto Ezequiel Dias. Como opção, irá alistar-se como Capitão Médico da FEB na II grande guerra, atuando na Itália até o fim do conflito. Convocado por seu diretor, Henrique de Beaurepaire Aragão, Emmanuel Dias acaba por assumir as pesquisas de Bambuí, lá fundando, em dezembro de 1943, um posto do Instituto Oswaldo Cruz, por ele dirigido até 1962, quando morre em desastre automobilístico. Em Bambuí se sucedem heróicas etapas, transformando rapidamente o brilhante protozoologista em homem de clínica, de epidemiologia e de controle. Emmanuel logo se dá conta que a doença era intensa e gravíssima, urgente era seu combate em todas as frentes imagináveis. Mapeia de maneira completa o município, nos âmbitos da entomologia, da tipologia de vivenda e da distribuição de casos agudos e crônicos. Logo e intensamente irá impactar-se o pesquisador pela inusitada proporção de cardiopatas e mortes súbitas entre adultos jovens da região, quadro que apenas vislumbrara em Lassance. Urgente se fazia o controle do transmissor, que infestava mais de 80% das vivendas rurais, em maioria paupérrimas. Em 1944 sairá o primeiro relatório, logo induzido a publicar por Aragão, conclamando sanitaristas e Autoridades para o reconhecimento e o enfrentamento da moléstia ⁶.

Bambuí será uma nova etapa na vida de Emmanuel, assumida com extraordinário desempenho e à custa de enorme sacrifício familiar. Nícia e os filhos mudar-se-ão para Belo Horizonte, a meio caminho entre Rio e Bambuí, percurso que Dias fará centenas de vezes até o fim de sua existência. Serão praticamente vinte anos de ingente trabalho, que começa pelo levantamento de casos agudos e focos de transmissão, para completar-se na sistematização, com Laranja, Nóbrega e outros, da cardiopatia crônica, desaguando finalmente na descrição da luta anti-vetorial e

⁵ - Relatório oficial de Emmanuel Dias e Cecílio Romaña em 1941, ao Serviço de Grandes Endemias do Instituto Oswaldo Cruz. Acervo de JC Pinto Dias e da Casa de Oswaldo Cruz.

⁶ - Dias E, Um ensaio de profilaxia da moléstia de Chagas. Rio de Janeiro, Imprensa Oficial, 1945, 116 p.

fixação de suas bases operacionais ⁷. O “Centro de Estudos e Profilaxia da Moléstia de Chagas” será palco de febril atividade, amealhando 368 casos agudos descritos (a maior casuística brasileira de transmissão vetorial), e cerca de dez mil casos crônicos, dos quais 40% iriam apresentar quadros de cardiopatia. Esta cardiopatia será então brilhantemente estudada, desde 1946, quando Dias congrega consigo as mentes brilhantes de Francisco Laranja, José Pellegrino, Genard Nóbrega, Aluisio Miranda, Magarinos Torres, Ethel Duarte e Júlio Muniz, entre outros, a sistematizar inquéritos sorológicos e anatomopatológicos, a reproduzir a cardiopatia em cães e a estudar centenas de doentes que também foram levados ao Rio de Janeiro. Em 1956, uma histórica síntese sobre a cardiopatia chagásica, antecedida de várias outras publicações, é publicada na *Circulation* e se faz o marco definitivo para o reconhecimento da cardiopatia chagásica crônica ⁸. Estes trabalhos facultaram de vez o estabelecimento da importância médico-social da endemia chagásica em todo o Continente, induzindo pesquisas semelhantes, como as de Rosembaún e Cerisola, na Argentina, Puigbó, Maekelt, Pieretti e Pífano, na Venezuela, Torrico, na Bolívia, Freitas, Ramos, Lucena e Brant, no Brasil, Neghme e Schenone, no Chile, Zeledón, na Costa Rica, Escomel, no Peru, Biagi, no México etc., todos eles amigos de Emmanuel e fortemente determinados a divulgar a doença e propugnar pelo seu controle. E este será o tema ao qual Dias dedicará os melhores de seus esforços.

Desde 1944, E. Dias se verá obcecado pela luta anti-chagásica. Havia trabalhado nos temas de sua transmissão, inclusive digestiva e congênita, mas já em Lassance estaria convencido que o grande montante de casos humanos, em toda a área endêmica, se devia à rota vetorial. O “barbeiro” era o grande inimigo, basicamente aquele anidado nos pobres ranchos camponeses. Um tratamento etiológico eficaz fora tentado desde Chagas, Mazza e Villela, vários compostos também em Bambuí, sem efetividade sobre casos agudos ou crônicos. Emmanuel enveredou-se pela luta antitriatomínica, fosse ela direta (química, física ou biológica) contra os insetos, fosse através do melhoramento da vivenda, fosse ainda pela Educação ou pela boa gestão política. Envolveu-se com químicos, físicos, arquitetos, educadores, militares e políticos. Entre 1945 e 1947 testou melhoramentos de casas e construções simplificadas, utilizou lança chamas e gás cianídrico, ensaiou compostos de soda cáustica, querosene, e flor de piretro, fez campanhas nas escolas municipais pela captura e notificação do transmissor, escreveu artigos populares e abriu discussões sobre a doença e sua importância nos principais partidos políticos da época, a UDN e o PSD. Levou a Bambuí eminentes pesquisadores, ministros de saúde e autoridades. Em 1947, com José Pellegrino, encontra um inseticida órgão clorado que terá ação residual efetiva contra os triatomíneos intra domiciliados e fará disto sua bandeira de luta, asseverando que a doença poderia finalmente ser controlada mediante o emprego sistemático e continuado daquele inseticida, em áreas contíguas ⁹. Emmanuel amealhará importantes companheiros e parceiros maiores em sua jornada. Os políticos Milton Campos e Juscelino Kubitschek o acolherão, facultando-lhe recursos para a construção e montagem de moderno Centro de Pesquisas em Bambuí, tarefa em que muito ajudaram os amigos Carlos Drummond de Andrade e Gustavo Capanema, este último Ministro da Educação. Será ainda apoiado pelo sanitaria e amigo Mário Pinotti, que aposta em suas idéias sobre o controle da doença e as executa em luta antitriatomínica experimental no Triângulo Mineiro, na qualidade de Diretor Geral do Departamento Nacional de Endemias Rurais, posteriormente como Ministro da Saúde. Progressiva e intensamente, também, Dias irá consolidar importantes amizades e perspectivas de colaboração entre dezenas de cientistas e sanitaria pelo Brasil e por toda a América, aumentando de muito sua cota de viagens de trabalho, que realiza sempre com entusiasmo. Com Laranja irá divulgar no México, na Venezuela, nos Estados Unidos e na Argentina seus achados

⁷ - Vide Dias JCP Cinquenta anos de Bambuí, Ver. *Soc. Brás. Méd. Trop.*, 1993, e Coura JR, Síntese histórica e evolução dos conhecimentos sobre a Doença de Chagas, in Dias JCP & Coura JR (orgs.) *Clínica e Terapêutica da Doença de Chagas, uma abordagem prática para o clínico geral*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 1997, pp.469-486

⁸ - Laranja FS, Dias E, Nóbrega GC, Miranda A. Chagas' disease. A clinical, epidemiologic and pathologic study. *Circulation*, 14: 1035-1060, 1956.

⁹ - Dias E, Pellegrino J. Alguns ensaios com o “Gammexane” no combate aos transmissores da doença de Chagas. *Brasil Médico* 62:185-191, 1948, e Dias E. Profilaxia da doença de Chagas. *O Hospital* 51: 285-298, 1957.

sobre a cardiopatia crônica, tema que entende ser de máxima importância para justificar o controle do transmissor. Com Neghme impulsionará os estudos de profilaxia no Chile, também motivando estudos epidemiológicos a jovens e brilhantes cientistas latinos, como Witremundo Torrealba (Venezuela), Rodrigo Zeledón (Costa Rica), Maria Franca (Uruguai), Maurício Rosembaum (Argentina) e outros mais. Convocado, irá à Oficina Sanitária Panamericana defender ampla ofensiva contra a esquistotripanose nas Américas, sendo então persuadido por Fred Soper a “vender a idéia” nas instâncias de referência e de decisão. Foi esta, a última e mais contundente etapa da saga de Emmanuel Dias, que repetia sempre ao filho acadêmico, já pelos anos sessenta: “Meu maior desejo é acabar com esta doença! Dedicarei a isto meus melhores esforços, não há porque adiar as ações que já podemos pôr em campo. Minha única concessão, nesta fase da vida, será terminar o estudo clínico evolutivo dos pacientes detectados na fase aguda, mas a prioridade absoluta ficará para o aperfeiçoamento e a implementação definitiva da luta contra os “barbeiros””. No entanto, e apesar disto, ainda encontra tempo para enveredar-se no tema da luta biológica contra os transmissores da esquistossomose, um pedido insistente de Mário Pinotti, e para iniciar um estudo sobre a importância das reinfecções exógenas no agravamento da cardiopatia crônica chagásica. De fato, Dias se dedica sempre mais à luta anti-triatomínica. Repete com Pinotti seus métodos no Triângulo Mineiro e realiza modelar campanha profilática em Bambuí e arredores, antevendo a completa eliminação do *Triatoma infestans* mediante desinsetização continuada¹⁰, a propósito oferecendo ao Governo do Estado de São Paulo um completo plano “de erradicação dos transmissores domiciliários da doença de Chagas

¹¹



Emmanuel Dias viveu intensamente e deu ao mestre e padrinho a merecida continuidade em seu trabalho exemplar, contribuindo decisivamente para o reconhecimento e para o controle da doença de Chagas. Não se limitou ao seu laboratório, fez-se homem de campo e de luta, amechou e conviveu com colegas e parceiros por toda a América, fez-se presente nos governos e nas instâncias de decisão dos países afetados, envolveu agências internacionais como a OPAS e a OMS. Cientista, em vida publicou 154 trabalhos, em total maioria voltados para inúmeros aspectos da esquistotripanose. Era honrado e querido por todos os rincões ou países que visitava, sempre disposto a colaborar e incentivar na luta anti chagásica. Fez aliança com inúmeros cientistas, muitos dos quais ajudou em sua formação e capacitação. Participou de dezenas de Congressos no Brasil e no Exterior, sempre chamado para expor suas idéias e discutir os avanços e perspectivas quanto ao conhecimento e o controle da doença. Em 2006, foi justamente agraciado pelo Governo Brasileiro e pela OPAS quando da certificação da interrupção da transmissão da doença de Chagas pelo *T. infestans* no território nacional.

Foi cidadão correto e estimado, foi pai amorosíssimo, sempre presente e atento quanto à formação e ao encaminhamento dos cinco filhos. Neste sentido, sempre reverenciava sua esposa Nícia, pelo papel que cumpriu na guarda da família, em meio a suas reiteradas e numerosas ausências, a chamado da causa que abraçara. Adorava o pai Ezequiel, por sua postura correta, seu alto valor científico e sua valentia frente à doença. Espelhava-se em Chagas e Villela, seus verdadeiros pais adotivos, peças essenciais em sua formação e encaminhamento científico. De Oswaldo, estrela maior do Instituto, guardava sempre o mote: “Não esmorecer, para não desmerecer”. Morreu fadivamente em desastre de automóvel, a 22 de outubro de 1962, com apenas 54 anos de idade, em pleno exercício de sua grande capacidade científica, no pleno cumprimento de seu dever.

¹⁰ - Dias E. Profilaxia da doença de Chagas. *O Hospital* 51: 285-298, 1957

¹¹ - Em Bambuí o vetor principal literalmente desaparece na década seguinte. Em São Paulo, o Estado desencadeia exemplar serviço de combate aos triatomíneos, mostrando o corte da transmissão vetorial já ao final da década de setenta.